

DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO E RECREATIVO

Redactora e proprietaria—D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vallasco.

As assignaturas para a Corte são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno. Para as provincias 5\$ por semestre e 10\$ por anno no escriptorio da redacção, rua do Principe dos Cajueiros n. 266 sobrado.

ESPELHO

ADVERTENCIA.— Não podendo sustentar-se as empresas jornalisticas sem a protecção e pontualidade no pagamento das assignaturas das pessoas que se dignam contribuir para a florescencia dellas: pedimos respeitosamente a todas aquellas que tem recebido e continuam a receber o nosso Semanario, que se dignem de mandar satisfazer suas assignaturas, para nos pouparmos ao desgosto de suspender, indistinctamente, a entrega e remessa do nosso « Domingo ».

O DOMINGO

A Instrucção do povo

Rio, 4 de Outubro de 1874.

Sendo a instrucção do povo um dos serviços publicos mais dignos da attenção e animação de quantos se interessam real e sinceramente pela prosperidade de nossa patria, não cessaremos de erguer nossa debil voz em favor della.

Nos paizes constitucionaes como é o nosso, instruir o povo é premunir a liberdade, é garantir a soberania da nação.

E nunca serão demasiados os esforços e dinheiros despendidos com a propagação da instrucção pelas infimas camadas da sociedade.

O cidadão que promove a instrucção de seus concidadãos faz jus á eterna gratidão das gerações e immortalisa seu nome e sua memoria.

E ainda bem que o povo brasileiro por toda a parte acordou já e trata de realisar por si este grande desideratum da nação, curando de satisfazer com fabril actividade esta vital necessidade.

E não está longe o dia em que nas trevas de tantas intelligencias adormecidas na lethargia da ignorancia, a luz da instrucção transforme essas brutas machinas em intelligentes e voluntarios motores da civilisação e de progresso; em livres operarios do destino social; em servidores viziveis dessa potencia invizivel que é a divindade, que é a luz, que os fez homens com a condição da vontade que presuppõe a instrucção, e da responsabilidade que presuppõe a liberdade.

A liberdade do ensino deve prestar reaes serviços á causa da instrucção: sem duvida a moralidade do professor é a alavanca poderosa para o caracter do futuro ci-

dadão, visto que não é o mestre simplesmente o individuo que ensina á creança o conhecimento das primeiras letras, mas deve ser o espelho em o qual quotidianamente se vem os seus discipulos, por tanto é a moralidade de summo alcance, por isso que as impressões que mais nos ficam e que mais se gravam em nossos espiritos são aquellas que bebemos nos primeiros dias da juventude, e as vozes e as palavras de nossos mestres, quasi sempre se repetem em nossos ouvidos, como suspiros em nossas emoções.

O ensino obrigatorio sem a liberdade do ensino é o despotismo sobre a intelligencia; mas a liberdade de ensino sem o ensino obrigatorio é a liberdade da ignorancia e das trevas.

A secularisação do ensino religioso é tambem um poderoso elemento para a boa marcha da liberdade.

Guisot diz que na atmosphera das escolas deve sempre circular o ambiente da religião porque só a religião pôde ser a fonte d'esses sentimentos de respeito, de ordem e de virtude que são os elos que prendem os cidadãos entre si e estes á sociedade; e nem se diga que a religião não deve fazer parteda sociedade; ao contrario ella é a pedra de toque detodas as almas bem formadas e por assim dizer o alicerce onde repousa a columna social.

Cumpra porém que este ensino não seja haurido em fonte impura, cumpra que o menino vá buscar suas primeiras impressões da divindade nos bancos da escola, mas digamol-o, o que se aprende n'esse assumpto consiste em idéas perfunctorias de envolta com supstieções influidas mais ou menos á sombra do lar domestico (onde geralmente a educação religiosa é quasi nenhuma) e que assim mesmo não são cabalmente desarraigadas pelo professor que—em geral—pouca attenção presta á isto, o que não obstante o seu alcance é immenso desde que se attender que a creança recebe tudo sem raciocinio.

Com pequenas excepções, o ensino religioso nas escolas é limitadissimo, por isso que os meninos deam aquellas orações que a Igreja tem estabelecido nos cathecismos sem saberem o que dizem, exercitando apenas um acto de memoria.

O Concilio de Trento, obriga aos parochos o ensino do cathecismo: porque o parochos não se encarregaria de, em horas distinctas de ensino leigo, dar esse pão do espirito á seus parachianos?

A creança é a missão do padre—n'esse terreno o professor não lhe pôde disputar a palma. Secularisar, pois, a escola, é o unico meio de se attender á isto.

No seio da família e da Igreja, na escola, se for conveniente, mas em horas distinctas dos trabalhos escolares, diz ainda aquelle illustre ex-ministro d'estado—deve a mocidade receber o ensino religioso e ao ministro do culto compete desempenhar esse dever.

Ficaremos hoje aqui para não prolongar este artigo.

D. NARCIZA AMALIA E A MOCIDADE ACADEMICA.

No dia 20 do mez proximo passado effectuou o Exm. Sr. conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, em Rezen-de, a entrega da PENNA offercida pela mocidade academica à nossa Illustrada collaboradora e amigos, D. Narciza Amalia.

Ao terminar o discurso em que expôz o fim da sua commissão, S. Ex. apresentou uma caixa de velludo roxo, em cuja tampa estava impresso em letras douradas este endereço:

A' LAUREADA POETISA BRASILEIRA

NARCIZA AMALIA

A mocidade Academica

Abrio-a em seguida: encerrava uma penna toda de ouro, tendo na parte inferior do tubo, aberto a buril, o distico —NEBULOSAS—e por baixo delle —A' Narciza Amalia—A Mocidade Academica. Na extrema superior do mesmo tubo apoia-se sobre a ramagem uma estrella servindo de engaste a um mimoso brilhante.

Entregando-a, tomou uma caixinha de velludo carmezim: esta encerrava uma medalha de ouro com relevo de perolas. S. Ex. disse que aquelle presente era enviado pela Exma. Sra. D. Leocadia Teixeira da Silva Araújo, sua admiradora e amiga; e que desejando associar-se também aquellas justas manifestações, offercia da sua parte um livro:

E' fraca a offerta, disse, mas é um livro, o qual, por menor que seja, offerece sempre margem para grandes meditações.

E S. Ex. entregou-lhe então, com a sua photographia, a importante obra de E. Muller, *Les femmes d'apres les auteurs français*, dourada, ricamente encadernada e enriquecida com 15 gravuras, representando as mais notaveis senhoras, entre as quaes Joanna d'Arc, Mme. Roland, etc.

A Sra. D. Narciza Amalia, respondeu commovida com um discurso em que brillam os seus elevados dotes intellectuaes e este.

«Preclaro cidadão.—Vós que sois interprete dos sentimentos da briosa mocidade academica, vós que vindes fallar-me em seu nome e offerecer-me este symbolo da força, esta alavanca do pensamento, este gladio irriante das idéas, dignae-vos aceitar, nestas desalinhasdas palavras o protesto mais vehemente do meu reconhecimento para transmitil-o a elles—que são a mais lisongeira esperança da patria.

Não foi o merito do meu livro nem as idéas individuaes por elles esparsas, que arrebataram desses corações generosos este brado eloquente de fraternisação litteraria; não; devo-o apenas á felicidade de compartilhar as idéas

que me somente perante Deus e a liber-

dade, o soberano dos seculos e a filha primogenita de sua intelligencia infinita.

E assim deve ser.

A humanidade, contingente pelo vicio da sua propria natureza, não pôde approximar-se do seu Creator senão amparada pela liberdade, livre o pensamento é necessario que livres sejam os movimentos que devem executal-o: o codigo que o dirige está escripto no seu proprio coração e, uma vez comprehendido, a tyrania é um crime, a subjeição uma violencia, ás quaes só podem submeter-se a fraqueza e a ignorancia.

Voltae os olhos e vós vereis: —a mulher é a escrava do homem, e, se quebra os élos que a jungem ao poste, fica ainda escrava dos preconceitos. Conservam-na em trevas para que desconheça o seu direito, e quando rompa a nuvem espessa que segrega-a das locubrações elevadas, quando quer aspirar o ambiente vivificante das regiões superiores, vem o motejo e a irrisão precipital-a no abysmo de onde nunca devera ter sahido.

Pois bem: eu reneguei a escravidão porque deixaram-me comprehender que Deus me fizera livre como a emanação das flores que recamam os campos; livre como a brisa que doudeja pelo espaço: não escutei o motejo dos nescios, nem ouvi o gargalhar satânico dos incredulos; olhei para o futuro, escrevi o que pensava, o que me havia ensinado a lição cahida dos labios paternos, e deixei que esses pobres pensamentos fossem perigrinar pelo mundo.

Foi, pois, a filha predilecta de Deus que inspirou á mocidade academica esta preciosa manifestação dos seus sentimentos; foi ella que vos conduziu a este retiro, onde a vida esvae-se-me aos poucos, mas onde a idéa cada vez mais se robustece na adoração sempre crescente dessa divindade, sem a qual a sciencia seria um mytho, a sabedoria de Deus um phantasma, e a consciencia do genero humano o ludibrio de seu proprio destino; e é ella ainda que nos reúne e congraça neste momento, offerecendo-me em troca de pobres locubrações a felicidade sem preço do contacto permanente com os mais dignos e preclaros cidadãos da nossa patria querida.

E vós que vos incumbistes desta missão, que acceitastes a tarefa de apresentar-me a preciosa dadiwa de uma querida amiga, dignae-vos aceitar também o nosso abraço fraterno, como a unica expressão viva e natural da confraternisação das nossas idéas.»

NOTAS DE INTERESSE GERAL

Em umas obras que ultimamente se estava procedendo no castello de Amboise, pertencente ao conde de Paris, foi tirada de sob uma espessa camada de terra uma pedra tumular em que estava inscripto o nome de Leonardo da Vinci.

Expedio-se immediatamente um telegramma para Eu, onde estava o Conde, que mandou logo as instrucções convenientes.

Abrio-se o jazigo em presença de um grupo de sabios e encontrou-se em perfeito estado de conservação o cadaver do grande pintor, que tinha fallecido nas cercanias d'Amboise, mas cuja sepultura se ignorava.

Os preciosos restos, collocados em um caixão de madeira forrado de cumbo, vão ser depositados na ermida do castello de Amboise.

LITTERATURA

O CORSARIO

(DE LORD BYRON)

Tradução de

ALICE DE SÁ REGO

Continuação do n. 41

Oh! quantas noites estirada sobre este leito solitario, minha imaginação terrificada tem cedido aos ventos azas datempestade, e a briza, que languidamente enfunava tuas velas me parecia um murmúrio, prelúdio de violentas tempestades; eu te lamentava fluctuando sobre as vagas perfidas.

Então, levantava-me para reanimar o fogo do farol, com medo que mãos menos fieis deixassem expirar a chamma; demorava-me horas inteiras contemplando cada estrella; a manhã chegava e tu não vinhas.

Oh! como o vento frio gelava meus seios descoberto e como a minha vista turva, o dia parecia sinistro! — olhava ainda, e nem um uavio tinha franqueado minhas lagrimas, — meu amor, — meus votos!

Emfim, era meio dia — descobri e saudei um mastro que meus olhos encontravam; elle aproximou-se, — ai de mim! passou — Um outro veio — Oh! Deus, de piedade era emfim o teu! Eu desejava que estes dias tivessem passado! Tu, meu Conrado, não desejaras conhecer as alegrias de uma felicidade cummum?

Tu possues certamente riquezas de que não tens necessidade; mais de uma patria tão bella como esta nos convia a não mais perigrinar: sabes que não é o perigo que eu receio, tremo somente quando tu não te achas ao meu lado e não é por mim que temo, mas é por tua vida que me é tão cara, tua vida que afogenta o amor e não suspira senão depois dos combates — Como é extradinario este coração tão terno para mim, e que entretanto luta contra a natureza e suas mais doces enclinações! — Sim, é extraordinario na verdade, ha tempos este coração se tem modificado; esmagada sob os pés como um insecto, como a ser pente, elle se tem vingado; sem outra esperança que a do meu amor, ousa apenas esperar do céu um vislumbre de misericordia — Mas estes mesmos sentimentos que tu condemnas — minha ternura para ti, meu odio por elles — acham-se intimamente ligados, que eu cessarei de querer-te, se amar o genero humano: nada temas, todo o passado te garante no futuro a constancia de meu amor, portanto Médora! que teu coração se resigne — neste momento, — mas não por muito tempo, — eu parto. »

Neste momento... tu partes! meu coração já m'o havia predicto, assim se esvanecem meus sonhos de felicidade. — Neste momento, mais isto não pode ser — um dos teus navios acaba ha pouco de fundear a ancora na bahia, o outro ainda está ausente; sua tripolação tem necessidade de repouso antes de supportar novas fadigas: Meu amor tu te divertes a custa de minha franqueza e queres fortificar com anticipação minha alma contra uma separação futura mas não zombes de mim, em um tal divertimento ha menos prazer que amaguras.

Não fallemos mais n'isso, Conrado meu querido; vem e toma esta refeição que minhas mãos satisfizeram-se em preparar-te.

Doce trabalho aquelle de preparar e servir tua modesta refeição!

Olha, colhi os frutos que me pareceram melhores, e onde minha mão não estava certa e hesitava em escolher e dei preferencia aos que me pareciam os mais bellos; meus passos tres vezes percorreram em volta da collina para achar a agua a mais fresca. Senhor, teu sorvete desta tarde será delicioso, vê como elle scintilla em seu calix, tão branco como a neve. O succo embriagante da vinha não regosija mais teu coração, és mais rijo que um musulmano quando avista as taças; não julgueis que eu te censuro, ao contrario, eu me regosijo com esta sobriedade que aos olhos de outros parece uma privação. Mas, vem á mesa esta posta, nossa lampada de prata está accesa, não temos o voraz siroco, e, se tu o desejas, minhas damas se juntarão a mim, e nós te alegraremos com bailados, ou cantaremos juntamente; ou por outra, tomando minha guitarra, de cujos accordes gostas tanto, eu encantarei ou adormecerei tua alma, ou, se a harmonia não fôr approvada pelo teu ouvido, teremos juntas a historia que narra Ariosto da bella Olympia querida depois abandonada. Na verdade, tu serás mais culpado que aquelle que trahio seus juramentos a esta delleza illudida, se tu me abandonasses agora, ou mesmo que este heróe perjuro que...

(Continúa.)

PARTE RECREATIVA

Carmes

LULUCA

Canta, mulher, que a tua voz é magica,
E a vida é tragica, nos vai-vens da sorte....
Sempre um poema de ignoto alcance....
Ou um romance, a findar co'a morte!..

Tambem no bosque, ha canções suaves,
Cantam-n'as as aves ao romper da aurora...
Oh! como é grato n'um retiro ameno,
Ouvir-se o threno da jurity que chora!..

Oh! não te cales.... quero ouvir teu canto,
Não deixa o pranto lembrar-te as maguas...
Eu amo á voz qu'uma canção então,
E o echo a tóa do marulhar das aguas!

Quando da rola ouço um doce carme,
Sinto aquietar-me nos delirios meus...
E' que o soluço é da alma o pranto,
Porém o canto, é a voz de Deus!..

Teu peito arqueja, e já cansada sóltas,
As tristes notas da canção tão linda...
Teus lábios, tremem... mas tua voz é bella,
Canta, donzella, quero ouvir-te ainda!

As folhas seccas que no chão rastejam,
Em vão almejam se erguerem ao céu!
Tem pena d'ellas... tua voz não tolhas...
Consola as folhas com o canto teu...

E como as folhas vão rolando á tóa,
Minh'alma vò, e adorar-te vai!
E' que esse canto que sereno corre,
No espaço morre, desprendendo um ai!...

Talvez... quem sabe?!... a tua alma gema,
Na dôr suprema de crueis martyrios,
Porém, tu, martyr, co'um sorriso santo,
Buscas co'o canto suffocar delirios!...

Canta.... eu te ouço... a tua voz é bella,
Feliz d'aquella que assim cantar;
Canta, donzella, que eu embora moço,
Cantar não posso.... pois só sei chorar!

Eu não te peço, si perder a vida,
Que tu, sentida, me offerteis teu pranto...
Quero que ao céu uma prece elevés,
Nas azas leves do teu mago canto!...

Canta, mulher, que a tua voz é magica,
E a vida é tragica, nos vai-vens da sorte!...
Sempre um poema de ignoto alcance...
Ou um romance, a findar co'a morte!...

LELLIS TEIXEIRA.

O despertar da virgem

Eu vi na frente da virgem
Signaes, que erão dos céos,
Nos lábios fallas divinas
No collo a harpa de Deos.

(ZORRO)

Dorme, donzella, teu leito é de espumas,
Cercado de auras, que baixam ao mar.
As brisas que passam, que beijão-te a fronte
Rendendo homenagem, te veem á saudar.

O astro disponha!... a estrella de amor
La fulge, meu anjo, bem junto á teu lar.
Imagem de nympha retractão-te os astros,
Nas ondas teu corpo se ostenta a boiar.

Assim ó morena, repousas no berço!...
Dormita, que sonhas tão doce sonhar:
E o gelo que cresta-te a fronte mimosa,
Salpico é das ondas das aguas do mar.

O manto da noite que as trévas conduz,
Um raio de luz, não deixa brilhar!...
Sosiinha, nas ondas, não durmas ó bella,
Accorda donzella, tem medo do mar.

Côrte 23 de Setembro de 1874.

J. R. S. MELLO JUNIOR

Charadas

Em Roma 2
Sou ave 2
Passaro

Sempre unida a mim
Quando viajo lá fora . . 2
Por meu aroma estimado
No bello jardim de Flora . 2

Sou preparação chimica
Enocivo a muita gente,
Tambem sirvo de remedio.
Para curar algum doente.

Eu cá por mim não sou boa . 1
Adverbio de lugar 1
Se por certo me dobrares
Uma fructa hade encontrar. . 1

Decifrem caros leitores!
Do Brazil sou animal
Muitos me querem bem
Outros me querem mal.

J. DE B.

A decifração das charadas do n. antecedente é: a 1.
NOÉMIA a 2ª, COMMISSARIO e a 3ª, ALARICO

Typ. da — Lyra de Apollo — rua da Alfandega n. 183.